

## BREVE OLHAR SOBRE A POPULAÇÃO DO RIO DE JANEIRO

### A GLIMPSE ON THE RIO DE JANEIRO POPULATION

Rafael Chaves Santos<sup>1</sup>

**RESUMO:** "Os viajantes alemães que vieram ao Brasil no século XIX produziram relatos a respeito da população brasileira baseados na ideologia iluminista e, fundamentalmente, no conceito de *Bildung* (formação). Estes relatos continuam sendo fontes históricas fundamentais para a compreensão de nosso passado colonial e imperial e certamente vão contribuir, direta ou indiretamente, para as construções identitárias veiculadas pela própria elite letrada no Brasil, após interagirem com estes discursos. O presente artigo os analisa do ponto de vista da ideologia e das práticas sociais de seus enunciadores."

**PALAVRAS-CHAVE:** Iluminismo, negros, viajantes, ideologia

**ABSTRACT:** German travellers that came to Brazil in the XIX century had produced documents about the Brazilian population based on the illuminist ideology and, fundamentally, in the *Bildung* concept. These reports are still essential historic sources for the comprehension of our colonial and imperial past that will certainly contribute, direct or indirectly, to identity constructions related to our own literate elite in Brazil, after they interact with these speeches. The present paper analyses them by the ideology point of view and by the social practices of their enunciators.

**KEYWORDS:** Enlightenment, blacks, travelers, ideology

### Introdução

No século XIX são incontáveis os viajantes, principalmente europeus, que, por uma razão ou por outra, desembarcaram em nosso país. Dentre estes encontramos um grande número de alemães, os quais, em sua maioria, são cientistas das mais diversas áreas.

Estes pesquisadores produzem obras sobre suas áreas ocupacionais e suas obras, de maneira direta ou mesmo indireta, se referem aos habitantes do Brasil, brancos portugueses ou descendentes, mulatos, negros e índios, assim como a questões nacionais, como a escravidão.

---

<sup>1</sup> Mestrando em lingüística aplicada na UFRJ. E-mail: [angeberrafa@oi.com.br](mailto:angeberrafa@oi.com.br)



Este artigo terá como foco apenas os viajantes alemães que no século XIX vieram ao Rio de Janeiro e que, de alguma forma, se ocuparam com as questões da população desta cidade.

É necessário ressaltar aqui que estes viajantes alemães viviam ainda sobre a influência do Iluminismo, movimento que influenciou as mais diversas áreas de atuação, como por exemplo, a política, economia, artes etc. O Iluminismo iniciou-se no século XVIII e atingiu seu ápice em 1789 com a Revolução Francesa e, em cada nação européia apresentou características diferenciadas.

Na Alemanha, o Iluminismo teve forte influencia na literatura e na área político-econômica. Esta influencia sempre foi regida por um conceito fundamental, que diferenciou por completo o Iluminismo alemão dos demais, o conceito de *Bildung*. Esta palavra, que tem difícil tradução por abranger várias nuances, pode ser de certa forma entendida como “formação cultural” ou nas palavras de Maas (2000, 27):

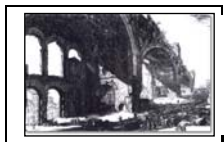
a tendência dos dicionários e do uso lingüístico moderno é de atribuir ao termo “*Bildung*” (formação) o sentido de um resultado de um processo que não pode ser atingido apenas pela atividade metódica da educação; a “*Bildung*” pressupõe a atividade espontânea do indivíduo, ocorrendo ao longo do processo de auto-aperfeiçoamento.

O conceito propõe a transformação humanista do homem a partir da cultura, do conhecimento, e, centralmente, a partir da linguagem, um conceito cunhado pela intelectualidade alemã no sentido da superação dos valores feudais do velho regime e da introdução de valores republicanos, em substituição à violência de massas e à ação política direta, coisa então impossível no Império Germânico de então.

É essencial ter esta noção do significado do termo *Bildung* para analisar a visão destes viajantes alemães, influenciados pelo Iluminismo, e concluir até que ponto seus discursos são, na verdade, racionais<sup>2</sup> ou limitados.

Este artigo, contudo, é apenas uma pequena parte de um projeto de pesquisa mais amplo que pretende discutir também, a partir da análise de discursos dos viajantes alemães que no século XIX estiveram no Rio de Janeiro, a questão da formação identitária do Brasil e, desta forma, demonstrar em que medida práticas discursivas de então se relacionaram

<sup>2</sup> O termo racional aqui foi usado em referência à razão, pois a época do Iluminismo ficou conhecida também como a era da razão, onde tudo poderia ser resolvido pelo uso da razão.



com os discursos nacionais da época, gerando os discursos da atualidade a respeito da população nacional.

Esta pesquisa propõe uma análise interdisciplinar que aciona as disciplinas da história e da antropologia e tem como base a análise crítica do discurso, que entende o texto e sua linguagem como práticas sociais e, sem abandonar o contexto, discute a relação existente entre linguagem e poder. Segundo Wodak (2003: 19-20)

a ACD trata de evitar o postulado de uma simples relação determinista entre os textos e o social. Tendo em consideração as intuições de que o discurso se estrutura por dominação, de que todo discurso é um objeto historicamente produzido e interpretado, isto é, que se acha situado no tempo e no espaço, e de que as estruturas de dominação estão legitimadas pela ideologia de grupos poderosos, o complexo enfoque que defendem os proponentes.

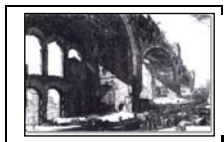
Para este artigo foi selecionado, entretanto, apenas o texto de um viajante. A visão deste viajante foi abordada em relação a uma parte da população do Brasil de então: os negros. Desta forma, este artigo limita o seu campo de abordagem a uma parte da população retratada pelo autor, contudo, sem perder, por este motivo, a raiz do pensamento presente neste autor selecionado.

### **O viajante alemão**

O viajante escolhido é Carl Hermann Conrad Burmeister, nascido em 1807 na cidade de Stralsund e falecido em 1892 em Buenos Aires, um dos mais importantes representantes desta época e, em seu relato, encontramos valiosas informações, o que torna a análise bastante significativa.

Alexander Von Humboldt, que se impressionou com a obra “*Geschichte der Schöpfung*” (História da criação) de 1843, escrita por Burmeister, obteve para este junto à universidade de Halle uma autorização especial para que ele pudesse realizar, então, no ano de 1850 uma viagem de caráter científico ao Brasil. No dia 12 de setembro de 1850 iniciou-se a viagem que só terminaria em 6 de abril de 1852.

O resultado desta viagem pode ser considerado de extrema relevância, já que Burmeister catalogou 800 espécies de pássaros, 90 espécies de anfíbios, 70 de mamíferos e aproximadamente 8 mil espécies de insetos. Além disso publicou nos anos seguintes 5



obras sobre a viagem: *Bericht über eine Reise nach Brasilien* (Relato sobre uma viagem ao Brasil) em 1853, *Landschaftliche Bilder Brasiliens* (Imagens paisagísticas do Brasil) no mesmo ano, *Reise nach Brasilien* (viagem ao Brasil) também em 1853, *Systematische Uebersicht der Thiere Brasiliens* -3 Bände (Resumo sistemático dos animais do Brasil em 3 volumes, entre 1854 e 1856, e *Erläuterungen zur Fauna Brasiliens* (Comentário sobre a fauna brasileira) em 1856.

Destas cinco obras publicadas sobre a viagem, a que será utilizada neste artigo é a obra *Reise nach Brasilien* (viagem ao Brasil) de 1853, onde se encontram relatos do autor sobre a população do Brasil.

Este autor é, sem dúvida, um verdadeiro representante da época da razão, pois além de professor catedrático da universidade de Halle, foi botânico, zoólogo, geógrafo, geólogo, biólogo marinho, paleontólogo, etc e publicou cerca de 300 trabalhos em diversas áreas científicas.

## O autor e o negro

Feitas estas ressalvas preliminares, passemos então a examinar o texto em questão, concentrando a análise na questão do negro na visão do autor.

O negro é, a vista da grande massa de viajantes alemães, retratado como ser inferior ao branco (brasileiro<sup>3</sup> ou europeu) e a escravidão, como algo necessário ou até mesmo positivo para este “ser inferior” que em sua nação de origem, na visão dos viajantes, estaria em condições piores.

Burmeister, se olharmos superficialmente, caracteriza o negro positivamente em alguns trechos de sua obra. Em alguns momentos de seu texto ele nos apresenta características positivas e um olhar também positivo sobre o negro, podendo enganar um leitor distraído o levando até a pensar numa espécie de simpatia do autor para com aqueles. Nos trechos abaixo selecionados, vemos o nosso viajante em questão eufemizando<sup>4</sup> o que ele posteriormente vai criticar abertamente com um leque de adjetivos:

“A palavra negro é termo carinhoso, especialmente para crianças, sendo freqüente o pai chamar o filho de ‘meu negro.’” (1853, 72)

<sup>3</sup> O termo branco brasileiro deve ser entendido como descendente de português ou outra nação européia, mas aquele que mora no Brasil.

<sup>4</sup> Eufemização, valorização positiva de instituições, ações ou relações. Thompson (1995, 81-9)



“Seus modos para com os brancos sempre me pareceram decentes e respeitosos e nunca notei a mínima descortesia. O negro é, em suma, um indivíduo de bom humor.” (1853, 73)

Mas para o leitor mais atento o texto de Burmeister vai pouco a pouco se deslocando da eufemização para a naturalização<sup>5</sup> do negro.

“...contemplo-o (o negro) com interesse, como produto exótico da natureza” (1853, 72)

Nesta aproximação do negro com a natureza Burmeister vai construindo um discurso que justifica a posição inferior do negro em relação ao branco na escala social. A alternância constante entre a eufemização e a naturalização, como representações ideológicas, entra, então, em choque quando Burmeister se refere à convivência direta com o negro.

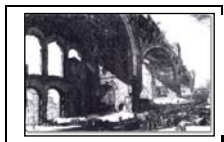
“Amava-os, se assim posso dizer, teoricamente, à distância, enquanto não fui forçado a conviver, mas desde que tal aconteceu, este sentimento transformou-se em repugnância. O preto tem algo de desagradável, que é menos de seus costumes que de sua pessoa física.” (1853, 73)

Nota-se com clareza que do “amor” (amava-os), a simpatia do autor pelo negro, passou rapidamente a repugnância e logo em seguida o autor nos justifica esta mesma repugnância novamente com a aproximação do negro à natureza, ou seja, utilizando-se de uma justificativa “natural” para isso. Na situação aqui descrita trata-se apenas do cheiro do negro, algo natural a qualquer ser humano, como o próprio autor nos diz, e que no caso do negro é tratado como algo diferenciado.

“A catinga provém das exalações e da transpiração do corpo, sendo agravada ainda pela falta de asseio da maioria deles, mas, como não é esta a causa, nem limpeza, nem banhos adiantam. Assemelha-se ao cheiro de suor de gente comum, porém mais penetrante e ascoroso. Há indivíduos que o tem em grau mínimo; outros, entretanto exalam-no de modo a sentir-se a grande distância” (1853, 73)

---

<sup>5</sup> Naturalização, criação social e histórica tratada como acontecimento natural. Idem



Em outro momento quando Burmeister fala sobre as habilidades físicas dos negros novamente os aproxima da natureza, ao compará-los a macacos.

“Adquire facilmente certa agilidade e habilidades manuais que fazem lembrar o dom de imitação do macaco, mas falta-lhe, por completo o gênio de invenção e a iniciativa própria.”(1853, 74)

E o autor segue na sua qualificação, agora aberta, sobre os negros e o modo como eles devem ser tratados:

“Alguns são extremamente falsos e unicamente por meio de contínuos castigos podem ser conduzidos. Em breve, porém, acostumam-se de tal forma às punições que perdem o receio ao chicote, recalitrando nos seus erros e vícios antigos por pura maldade.” (1853, 73)

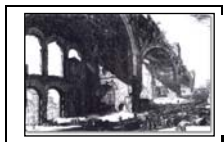
Burmeister deixa clara sua visão de que o negro, como escravo, deve acima de tudo ser obediente, e qualifica sua atitude quando não está sobre vigilância de seu ‘dono’ como algo próximo a uma atitude infantil ou mesmo animalesca, algo que segue a força da natureza, e que para ser obtida pode-se recorrer a qualquer tipo de recurso, inclusive, ou principalmente, o castigo físico, através de chicotadas.

“... se a obediência é devida unicamente ao medo, fará tudo que lhe passar na cabeça sempre que não for vigiado. Em regra, porém, consegue-se menos pela bondade ou mesmo pela camaradagem do que pela severidade.”(1853, 74)

Em seguida, após falar sobre a obediência ou desobediência do negro (escravo), Burmeister refere-se aos momentos em que os negros se encontram sozinhos e, da mesma forma, os aproxima da natureza comparando-os novamente aos macacos.

“Quando entregues a si próprios, os negros tem algo de ridículo, que faz pensar na sua inegável aproximação da natureza do macaco.” (1853, 74)

Se tomarmos como base o pensamento de Lakoffe Johson que afirma que “na cultura ocidental, as pessoas se vêem como tendo controle sobre os animais, e é a capacidade especificamente humana de atividade racional que coloca os seres humanos acima dos outros animais e lhes propicia esse controle” (2002, 65), podemos entender onde



Burmeister quer colocar o negro no quadro social, ou seja, como um ser que deve, por sua irracionalidade e incapacidade, ser controlado pelo branco. Essa tentativa constante do autor de aproximar o negro, por suas características físicas, seja por sua aparência ou mesmo pelo seu cheiro (de suor) ao macaco (natureza) entendida como algo que o homem controla leva-nos a concluir que, para ele, o negro é definitivamente um ser inferior ao branco (europeu) e deve estar não só sob o julgo deste, mas também ser tratado da maneira diferenciada, ou seja, como ser inferior que é.

Inegável, também, é, na verdade, notar o quanto Burmeister através de seus relatos, também por ser um cientista renomado, conseguiu que alguns de seus conceitos, no caso sobre o negro, fossem assimilados em detrimento a outros na época e que assim, após interagir, permaneceram na ideologia difundida não somente na Alemanha, ou na Europa, mas também aqui, no Brasil.

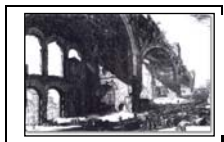
Antes de concluir, contudo, é preciso se ater ainda à questão do modo de construção do texto (estilo) para reafirmar o que foi dito a cima.

Segundo Fairclough (2003, 168) “a questão da modalidade pode ser vista como a questão de quanto às pessoas se comprometem quando fazem afirmações, perguntas, demandas ou ofertas.” Essa questão de estilo se torna complexa para ser analisada quando se trata de um texto traduzido, podendo, assim, gerar imperfeições e falsas conclusões, já que em algumas passagens há uma mudança significativa no que se refere a modalidade do texto. Não entro aqui no mérito da tradução, ressalto apenas que para esta análise será utilizado, então, o texto no original, ou seja, em alemão.

Para, de certa forma, não prolongar demais a análise utilizarei apenas um pequeno parágrafo que, contudo, exemplifica claramente a questão da modalidade neste autor:

“Obwohl ich nach meiner ganzen Erfahrungen mich für die Richtigkeit der Ansicht entscheiden muss, dass der schwarze Mensch körperlich wie geistig unter dem Weissen steht.“ (1853, 88)

Neste parágrafo nota-se, primeiramente, a utilização de um verbo modal. O verbo em questão aqui é o *müssen*, utilizado na primeira pessoa do singular, *muss*, significando a voz do autor. Este verbo é comumente traduzido por “ter que” e enfatiza a idéia que algo que foi dito só pode ser verdade.



Quando recorremos a um dicionário monolíngue<sup>6</sup> para buscar o significado deste verbo vemos as seguintes definições: (1) expressa algo que necessariamente é , ou (2) expressa algo em que o falante necessariamente acredita. (2007, 302)

Outro verbo importante para a análise presente neste parágrafo é o verbo *sich entscheiden* (decidir-se por) e, no caso, o autor decidiu-se pela certeza (*Richtigkeit*) de que o negro é (tem que ser/ *mus*) inferior ao branco, não só fisicamente (*körperlich*) mas também mentalmente (*geistig*).

Em seguida percebe-se a utilização de palavras que deixam claro que aquela é a visão do autor: *nach meiner Erfahrungen* (segundo minha própria observação). Desta maneira ao delimitar que a afirmação é sua, por ser um homem da razão, um cientista renomado, e utilizar construções expressivas, ricas de sentido e significado, aquilo que afirma (a inferioridade do negro em relação ao branco) passa, então, a ser visto como verdade.

## Conclusão

O autor e a obra utilizados nesta análise assim como outros viajantes e suas obras são parte da história nacional que permanece para muitos como uma realidade distante e dialeticamente presente. Distante, pois grande parte destes textos de viajantes se encontra apenas na língua materna dos mesmos e são também de difícil localização e acesso, e, ao mesmo tempo, presente, pois o conteúdo e conceitos dos mesmos (a ideologia) foram de alguma forma assimilados e são ainda hoje reproduzidos por parte da população europeia e também brasileira.

## Bibliografia

BURMEISTER, Carl H. C. *Viajem ao Brasil pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais* Editora Itatia , SP, 1980.

———. *Reise nach Brasilien durch die Provinzen von Rio de Janeiro und Minas Gerais*. Verlag von Georg Reimer, Berlin, 1853

CASSIRER, Ernst. *A filosofia do Iluminismo*. 3ª. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

---

<sup>6</sup> Ver bibliografia.





FAIRCLOUGH, Norman. El análisis crítico del discurso como método para la investigación en ciencias sociales. In: WODAK, Ruth; MEYER, Michel (eds.). *Métodos de análisis crítico del discurso*. Barcelona: Gedisa, 2003, p. 179-203.

LANGENSCHIEDT, *Taschenwörterbuch Deutsch als Fremdsprache*, Langenscheidt Verlag, Berlin 2007.

LAKOFF, G.; JOHSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado de Letras. São Paulo: Educ, 2002

MAAS, Wilma Patrícia. *O Cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura*. Editora UNESP, 2000

THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna*. Petrópolis: Vozes, 1995

WODAK, Ruth. De qué trata el análisis crítico del discurso. Resumen de su historia, sus conceptos fundamentales y sus desarrollos. In: —; MEYER, Michel (orgs.). *Métodos de Análisis Crítico del Discurso*. Barcelona: Gedisa, 2003, p. 17-34.